



O velho ônibus desativado virou "hospital", onde até parto se faz. As enfermeiras são voluntárias e, nas emergências, todo mundo reunido cuida do problema. O ônibus, também consultório, é mantido limpo pelos ex-invasores da 110.



"BARROLÂNDIA"

Invasão de vida nova no cerrado

Desde que os "invasores" da 110 Norte foram enviados para Brasilinha (Planaltina de Goiás), ficou no ar uma incômoda pergunta: qual será o destino das 150 famílias que ali se instalaram por não terem onde morar? Afinal, a remoção das 150 famílias que "invadiram" a 110 foi cercada por uma preocupação geral da comunidade e por uma polêmica que se estendeu por vários dias. É possível remover famílias e dar oportunidade a elas de começar uma vida nova?

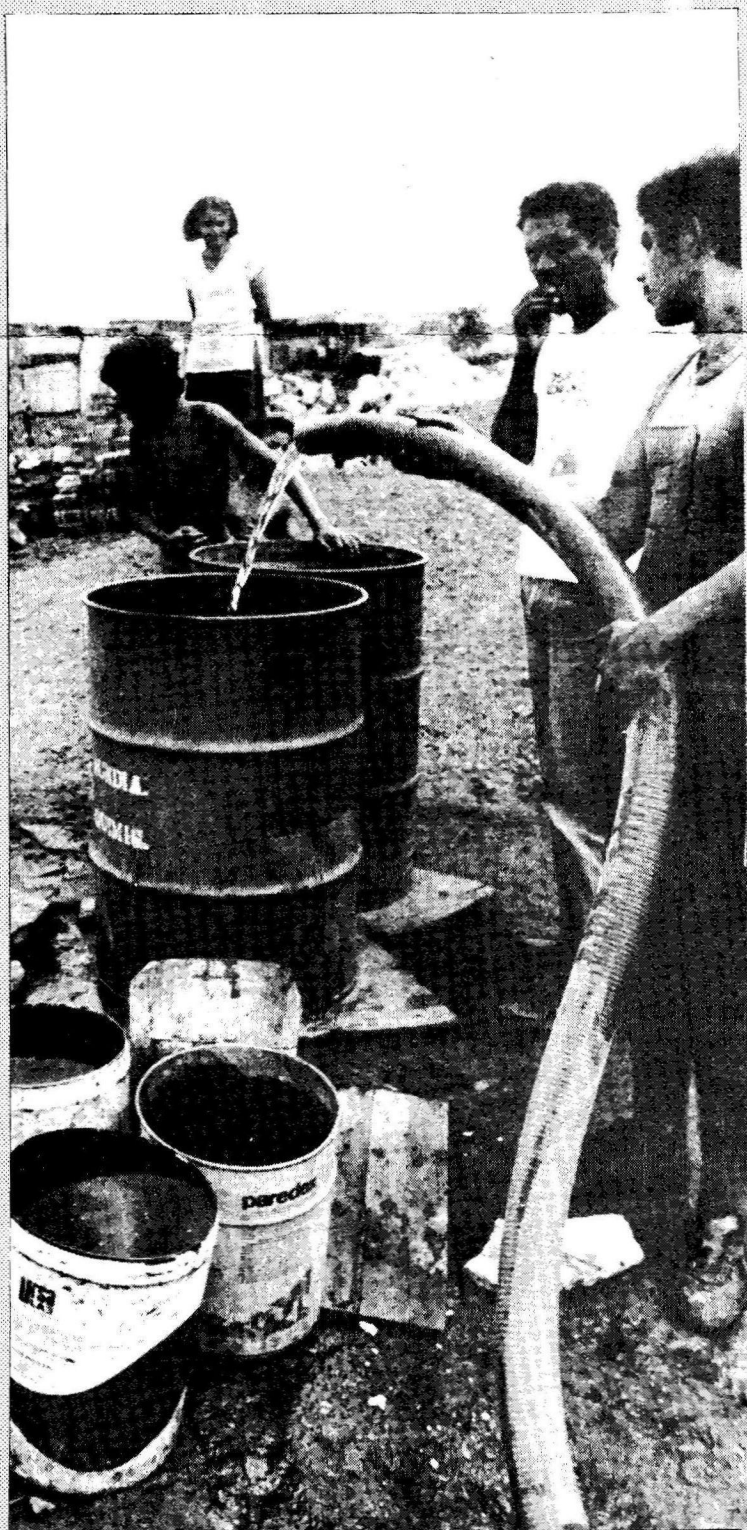
Eis o desafio que mobilizou a Secretaria de Serviços Sociais e que encontrou em Maria do Barro a pessoa certa para enfrentá-lo. Em Brasilinha, o "Projeto Maria do Barro" é uma realidade e aponta para novos caminhos na área da assistência social, pois não é paternalista e procura, com base na realidade, renovar a esperança de centenas de pessoas que vieram para Brasília em busca de novos caminhos para as próprias vidas.

Maria do Barro tem 78 anos e dedica-se, principalmente, a assistir "os rejeitados", como ela gosta de dizer. Ela dirige, com dedicação, o assentamento dessas famílias em Brasilinha. O início não é fácil, mas sua filosofia supera problemas que são vencidos por uma idéia básica: é preciso que todos trabalhem juntos para que uma nova vida seja erigida onde não existia nada.

Tudo começou assim: a prefeitura de Brasilinha doou lotes e as pessoas foram se instalando do jeito que dava. Como o projeto tem apenas dois meses, as condições de vida ainda são precárias, mas nota-se um novo ânimo. Maria do Barro procura conscientizar as pessoas que só a partir delas próprias alguma coisa pode ser realizada. Então, todos trabalham para o bem comum. A Secretaria de Serviços Sociais e o GDF, e mais empresas de Brasília, que resolveram participar do projeto, dão o apoio necessário. Os que têm trabalho fixo, com carteira de trabalho, continuam trabalhando normalmente. Os que não têm constroem barracos, trabalham em um galpão para abrigar famílias que chegaram recentemente e ainda não têm onde ficar e levam adiante uma olaria. Ali são fabricados tijolos e telhas que servirão para a construção de casas de alvenaria, a segunda parte do projeto.

Segundo Madalena Oliveira Villar de Queiroz, pedagoga da Secretaria de Serviços Sociais e que serve como uma espécie de ponte entre o Projeto Maria do Barro e o GDF, ajudando, providenciando coisas e fazendo uma espécie de supervisão, o surgimento dessa nova comunidade, inicialmente, preocupou:

— Estávamos fazendo uma coisa nova, que é orientar as pessoas para que construam sua própria comunidade e isso era um desafio. Mas a Maria do Barro, com seu carisma e sua liderança, mostrou que o projeto era



No projeto "Barrolândia" tudo ainda é improvisado: a água, por exemplo, vem dos carros-pipa da Caesb

realizável. Há poucos recursos, mas todos os órgãos do GDF estão ajudando.

No "Projeto Barrolândia", como Maria do Barro prefere chamar esse novo assentamento, tudo ainda é improvisado. Mas tudo funciona. Como não há posto médico, um ônibus desativado virou consultório, sala de parto e tudo mais. As enfermeiras são voluntárias e, nas emergências, as pessoas se reúnem e cuidam do problema. O ônibus é mantido limpo pelos próprios moradores. Como o transporte é precário, Maria do Barro conseguiu uma charrete e uma égua para, em casos de urgência, transportar as pessoas. E tudo é feito assim para que o projeto ganhe vida própria.

Os trabalhos de Maria do Barro sempre tiveram uma característica fundamental: viabilizar projetos sociais mesmo que os recursos sejam mínimos. O primeiro passo é sempre cuidar de moradia, seja arranjando materiais através de doações, seja conseguindo esses materiais no mesmo local. O segundo é cuidar para que as crianças sejam protegidas e tenham assistência. E o terceiro é garantir o trabalho para todos. Mais tarde, a idéia é montar uma oficina de corte e costura para dar trabalho às mulheres que não estão colocadas no mercado de trabalho e "inventar" novas atividades que propiciem alguma renda e ajudem a fixar os moradores no local. "Um dia teremos até licores, meu filho", afirma. Maria do Barro cozinha bem, faz licores e doces.

Seu trabalho em comunidades é antigo. Ela aprendeu, lidando com invasões, que não pode haver preconceitos contra pessoas que, por vários motivos, acabam se tornando desajustadas. Em um grupo formado por 150 famílias e com 327 menores (cadastrados) entre zero e 14 anos, os problemas são enormes. A maioria das pessoas chegou a Brasília sem ter nada e aqui nada encontrou. O resultado é que muitos são alcoólatras, há prostitutas e, certamente, alguns delinquentes. Não poderia ser diferente. É assim em todo o lugar.

Seu trabalho, então, consiste em "recuperar" essas pessoas através de uma idéia de comunidade. Seu projeto não prevê a repressão ou a discriminação, mas a conscientização de que é possível construir alguma coisa quando todos se unem e trabalham em conjunto. É um projeto difícil, mas que conta com o apoio total do secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes. Para ele, é preciso que Governo e empresários se unam para resolver esse grave problema da invasão em Brasília, procurando criar formas alternativas para que novos assentamentos sejam feitos. O "Projeto Maria do Barro" é uma idéia alternativa que começa a dar certo pois nele não há decisões vindas de cima para baixo. A comunidade é que decide o que deve ser feito e essas conclusões são levadas aos administradores aqui de Brasília e de Goiás.

A maioria dói

Cláudio Lysias

O problema das invasões em Brasília era perfeitamente previsível. Não é um "privilégio" da cidade. É um drama nacional. Não há emprego, moradia, condições básicas de saneamento em várias regiões brasileiras. E na maioria deste País, certamente. Como o homem quer sempre sobreviver e melhorar de vida, por que não emigrar? É um sonho, uma possibilidade. E Brasília é conhecida nacionalmente como a capital da esperança. As pessoas vêm para cá para melhorar. Têm pouca instrução, normalmente não sabem como funciona uma

cidade grande e acabam se desiludindo. O sonho vira uma tremenda depressão. O que era uma possibilidade se transforma em uma impossibilidade. É uma tragédia. A invasão da 110 Norte, que agora está em Brasilinha, não foi a primeira e não será a única. Brasília terá que abandonar a idéia de ser uma "Ilha da Fantasia" num continente de tormentos e assumir sua maioria. A maioria, como se sabe, é traumatizante. A infância está ali atrás, um sonho, e o mundo adulto está ali na frente, às vezes um pesadelo. Brasília não quer deixar a infância. É compreensível.